





# UM EXTENSO CONTINENTE II A ILHA

**Antologia de homenagem a António Salvado**

Coordenação  
Alfredo Pérez Alencart  
Maria de Lurdes Gouveia Barata  
Maria do Samieiro Barroso



**Título****Um Extenso Continente II - A Ilha**

Antologia de homenagem a António Salvado

**Organização**

Alfredo Pérez Alencart

Maria de Lurdes Gouveia Barata

Maria do Sameiro Barroso

**Pintura e desenhos**

Miguel Elías

**Design**

Carine Pires

Rogério Ribeiro

RVJ - Editores

**Edição**

RVJ, Editores, Lda.

Av. do Brasil, n.º 4 r/c | Apartado 262 | 6000-909 Castelo Branco

Telf. 272 324 645 | Fax. 210 112 063 | Telm. 965 315 233

www.rvj.pt | email. rvj@rvj.pt

**ISBN**

978-989-8289-38-4

**Depósito Legal****Data**

outubro 2014



## POESIA PARA O POETA II

O valor de um Homem e a importância da sua obra também se medem, seguramente, pela quantidade de amigos e admiradores que vai fazendo ao longo da vida e que, nos momentos marcantes, fazem questão de dar o seu testemunho.

António Salvado é um homem de reconhecido valor e a sua obra tem inegável importância.

Não estranha, também por isso, que após a edição do livro *Um Extenso Continente – Antologia de Homenagem a António Salvado*, surja agora *Um Extenso Continente II – A Ilha, Antologia de Homenagem a António Salvado*.

Trata-se de uma obra que poderia comparar a um bis no final de um espectáculo, uma ovação que se prolonga, em sinal de apreço e de reconhecimento ao autor, o poeta António Salvado.

São mais cerca de 30 poetas, oriundos de diferentes países entre os quais Chile, Bolívia, Portugal, Costa Rica, Roménia, França, Espanha, Índia, Perú, Indonésia, Equador e México, que fizeram questão de erguer a pluma para se juntarem a esta ovação a António Salvado.

Tal como eu, uma vez mais em nome pessoal e institucional, faço questão de reiterar a estima e apreço ao homem e ao poeta.

*Luis Correia*

*Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco*

## LA POESÍA ESFUERZA COMUNIÓN

La poesía esfuerza comunión: no lo olvidéis jamás. Lo digo y lo llevo a la práctica. Por ello doy noticia de un Poeta que -por mucho tiempo- ha sido apartado de las escalinatas donde se colocan, generalmente a codazos, aquellos que se estiman notables. Por ello me sumé a la hermosa iniciativa de Maria do Sameiro Barroso y de Maria de Lurdes Gouveia Barata, quienes, amparadas por el patrocinio de la Cámara Municipal de Castelo Branco, emprendieron la invaluable tarea de rendir un amplio homenaje al Poeta.

Esta Isla es un brote, una criatura que nace siguiendo la impronta de “Um extenso continente”, el Arca-Nodriza donde se alojaron los primeros portavoces de la admiración hacia un maestro como António Salvado.

António Salvado (Castelo Branco, Portugal, 1936) ha hecho de cada verso suyo un reclinatorio, un arco iluminado por esa humildad que permite soportar cualquier postergación. Tal forma de ser está tallada en su poema “Epitafio”: *Le bastó ser origen de la felicidad: compitió,/ no conoció triunfos; desdeñó coronas,/ no recibió envidias.*

Pero su obra permanece. Pero él hace acto de presencia en sus palabras impresas, que están por cumplir sesenta años de su primera luz, además de haber aumentado en más de sesenta títulos. Leamos “Cicatriz”, donde el poeta lusitano segrega la savia de su mensaje: *De todo lo que se ve,/ de todo lo que se dice,/ de todo lo que se hace/ o no se hace-// la cicatriz:// señal/ de permanencia.*

Himnos de ternura y de desgarró encontramos en sus textos. Conocedor de los clásicos griegos, latinos y orientales, amante de Camoens, el siempre discreto António Salvado hace bien en recordarnos cómo debe conservarse la Poesía: *No siempre el canto encanta/ al pasar el verano a la primavera:/ una cigarra asesinada yace,/ sin luto o llanto,/ inútil cosa muerta sobre la tierra:// destrozadas voz y alas.*

Su poesía no siempre es epigramática, ni mucho menos. Tiene extensas odas, magníficos sonetos..., libre o con métricas distintas, con cánticos que tienen su fuente en los temas de siempre, pero siempre nuevos por la impronta que él moldea. De lo erótico a lo tanático, pasando por lo social, como en “El mejor de los mundos”, hermoso texto titulado con cierta ironía y, también, con un contenido de profunda crítica: *“No existe nada que guardar:/ excepto la pobreza/ que soezmente hermana;/ por la rota puerta de entrada/ la tenue claridad/ les dibuja el perfil;/// aguardando la llegada/ de la muerte sin sorpresa:/ del vacío al*

*vacío.// Grandeza de existir:/ el hambre como guía/ de los cuerpos avejentados.// (Un perro olfateando/ da saltitos por allí/ hecho guardián de nada)”*

Aquí se congregan un selecto grupo de poetas de América Latina, Portugal, Indonesia, Bulgaria, Albania, España, India, Rumanía... Y todos en comunión con este inmenso poeta sencillo, con este hombre que vive en una pequeña ciudad fronteriza con España. Él sabe lo que ha escrito, como su admirado Horacio: *La senda se prolonga/ en el extenso continente/ donde viven las palabras:/ dentro de él se esconde/ el semen que las aumenta/ cuando algunas mueren./ En mi deambular/ hacia nuevos lugares,/ tiernas palabras tengo:/ nacidas en el corazón,/ me dan otras melodías/ y un diferente aliento.*

## ANTÓNIO SALVADO

Por este Poeta  
alejo la bola de cristal

y muestro  
cómo lluvia ternuras  
su agotado corazón,

cómo girasolean  
los sigilosos diamantes  
que verbaliza.

Y otra fe me nace  
cuando su saudade queda  
a mi altura

y aumenta el calibre  
de la emoción más limpia  
junto al maná  
de sus ofrendas.

Por este Poeta abro  
las puertas de lo

por venir.

*Septiembre y en Tejares (2014)*  
A.P. A.



MARIA AUGUSTA SILVA  
ENTREVISTA A ANTÓNIO SALVADO





### **É um panteísta?**

De certo modo. O criador, para mim, está em toda a natureza. E ao poeta compete ir ao encontro dessa maravilha da criação para a louvar ou para criticar se necessário. Quantas vezes o poeta critica a própria criação mesmo que em seguida venha com um pedido de perdão.

### **Será na terra que se concretiza a ressurreição de tudo?**

É na terra. Não sei versos meus de cor, mas essa é uma ideia que aparece muito na minha poesia. É da terra que a gente vem e à terra voltamos. Do ponto de vista teológico, estou a dizer uma banalidade, no entanto os poetas conseguem dar-lhe outra dimensão. Creio ser isso que a minha poesia tem procurado explicitar: a origem e o regresso.

### **Filosofia do eterno retorno?**

Não tem que ver com o mito do eterno retorno. Prende-se com a conceção panteísta. A percepção de que nada vai terminar, de que, continuamente, a vida renascerá nem que seja da própria morte.

### **Na sua poesia, a própria mística funde-se nas giestas, nas aves, nas lajes...**

Há nela uma correspondência ao apelo, àquela voz que sabemos que existe mas ninguém sabe verdadeiramente consubstanciar. É nesse sentido que o poeta caminha.

### **As grandes lutas do poeta acabam por fundar-se na dúvida?**

A dúvida que o poeta, por vezes, equaciona nos seus versos não é a descrença ou não-crença. É uma dúvida relativamente à perfeição, o imperfeito em busca do perfeito. É aí que surge o desespero. Uma luta muito interior que vai concretizar-se no poema.

### **Novo livro, Entre Pedras, o Verde. Este verde é ainda um pólen reprodutor?**

Um verde real. Este verde é, em larga medida, o verde de Monsanto da Beira, um lugar mágico. Não haverá poeta que não utilize a palavra silêncio, contudo, há tempos, em Monsanto da Beira, eram dez e tal da noite, eu comentava para alguém: eles falam do silêncio mas não sabem o que é o silêncio. Isto é que é realmente o silêncio — o peso tremendo e ao mesmo tempo maravilhoso do silêncio. Julgo haver no que escrevo essa envolvimento, toca o planeta Terra.

### **Tem uma relação parental com a natureza?**

Visceral. Mesmo quando vivi em Lisboa e não tinha outra natureza à mão, os meus lugares eram os jardins. Mas não digo que a cor da esperança é o verde, porque a cor da esperança, para mim, é o azul. Aí temos outra via, outra vereda. A ânsia do azul, o além.

**De tal forma que os ciprestes na sua poesia não são árvore dos cemitérios mas sim uma árvore apontada ao azul...**

O cipreste nunca pertenceu à morte. Estou a ver numa cidade do interior onde tenho vivido, frisos de ciprestes lindíssimos, essa cidade é um castelo.

**Que se passa no nosso país com um «sol do Verão» a matar todo o verde, nomeadamente na região de Castelo Branco, onde vive?**

Incêndios, uma tristeza. Nos meus próximos livros, essa inquietação vai estar presente. Não é só para lamentar o desaparecimento daqueles pulmões puros, é também para me entristecer com isto: afinal, aquilo a que chamamos civilização, educação, cultura e desenvolvimento permite que A ou B ande a incendiar? A situação complica-se ainda mais: há dias ouvi que um jovem algarvio incendiou por vingança. Será que se queima só por vingança? A grande interrogação que, a meu ver, tem de ser feita é esta: por que só arde determinada vegetação, regra geral pinheiros?

**Quando se fala no interior do País julga-se que são regiões culturalmente apagadas, todavia a realidade prova o contrário. Miopia dos centros do poder?**

Há imensas potencialidades no interior do País (de Bragança a Vila Real de Santo António). Seria necessário que as estruturas culturais, estatais ou privadas, se entendessem. Competiria depois às autarquias acionar um programa previamente alicerçado. Não é com a descentralização que este governo pretende fazer que se fica a conhecer melhor a realidade do interior português. Não é por se mudar uma secretaria de Estado que a questão se resolve. Mas, como dizia o Prof. Jorge Dias, os portugueses são um povo difícil de governar.

**Somos, contudo, um povo pequeno....**

A Espanha conseguiu algo de espantoso: a regionalização. Cada região espanhola goza de uma autonomia que vai da economia à cultura. Hoje, a universidade da Estremadura não é menos importante do que as universidades de Madrid.

**Como tem conseguido manter a edição dos Cadernos de Cultura Medicina na Beira Interior?**

Aí está um exemplo. Essa revista é, hoje, em Portugal, a única que se publica sobre a história da medicina, da pré-história e já até ao século XXI. E publica-se em Castelo Branco, com a colaboração de um médico que

tem desenvolvido também um trabalho notável no combate à dor, o Dr. António Lourenço Marques. Entretanto, em outubro do ano passado, retomámos a revista de cultura Estudos de Castelo Branco. Outro exemplo: veja-se o projeto admiravelmente concretizado pela pianista Maria João Pires, em Belgais. Movimentou todas aquelas comunidades, nomeadamente com a criação de coros infantis.

**Apaixonado pela museologia, acha que os nossos museus precisavam de ganhar outra dinâmica?**

Houve um tempo em que todo o museu tinha uma exposição. Só que tudo isto se vai diluindo, revelador de que algo está mal.

**Sente-se um peregrino?**

Não o da peregrinação da alma de que nos fala Gil Vicente, mas sim o peregrino que vai atravessando o dia-a-dia.

**Tem, aliás, um livro intitulado *Os Dias...***

É a captação do instante, do mínimo, a atenção à surpresa, a atenção à riqueza extraordinária que é viver, que é peregrinar, que é caminhar-se. Peregrinação que, do ponto de vista da própria existência, determina as etapas que o poeta corre no seu desespero e na sua esperança.

**Ao escrever *Há sempre um temporal que me fustiga*, será o pessimismo a dominar o poeta, apesar de falar da riqueza extraordinária que é viver?**

Na minha poesia aparece com alguma insistência a palavra esperança, porém encontra-se também uma outra: a palavra desespero. São duas balizas. Se tivesse que me definir, diria que sou essencialmente um poeta desesperado, um poeta que não consegue encontrar a conciliação.

**Não vive em paz?**

Não. Não consigo. Embora na minha poesia (e na de outros poetas) apareça o desejo, aí do poeta que encontra solução para a luta entre a esperança e o desespero.

**Em alguns dos seus poemas verifica-se uma intertextualidade com a poesia camoniana. Tem que ver com o desespero e a esperança?**

Desde muito novo encontrei em Camões essa dualidade que o grande poeta tentou solucionar mas que, felizmente, não solucionou, tanto na lírica como na poesia épica. Não há, aliás, poema mais lírico do que *Os Lusíadas*. Mesmo dentro do seu patriotismo, tudo aquilo é uma alma que se confessa. Se Camões fez corresponder *Os Lusíadas* ao povo português, a Vasco da Gama, a D. Sebastião ou a outros heróis, não me interessa.

### **No discurso amoroso, a lírica de Camões não lhe está mais próxima?**

Não sigo a linha camonianiana do amor quando o poeta canta uns olhos muito azuis. Identifico-me com um Camões que sente «aquela triste e leda madrugada» ou a presença da morte através da morte da sua Dinamene, e canta «alma minha gentil que te partiste».

### **Estou a lembrar-me de um poema seu que dialoga com esse soneto de Camões...**

E digo com toda a sinceridade e sem complexos: sou devedor a Camões de muito, muito, muito. Não foi só nele que bebi a atração pelo classicismo mas já lhe pedi emprestados títulos de livros como *Estranha Condição*. E Camões, ao saber do meu amor tão profundo e sincero, autorizou. Sou um admirador não só de Camões, tenho uma grande admiração pelos nossos poetas, com eles aprendi muito, desde os trovadores até ao mais jovem que me envia o seu livro e me pede uma opinião. Sou sempre devedor a tudo.

### **Há a ideia de que a poesia é a arte suprema, julga que sim?**

Tinha receio que viesse perguntar-me o que era para mim a poesia porque não saberia responder-lhe. Penso que nunca ninguém conseguiu defini-la verdadeiramente. Porque há de ser a poesia a arte suprema? Se existe uma arte suprema, na minha opinião é a música. É na música que vejo aquela dimensão extraordinária que permite a adivinhação, que permite sentir no que ouvimos aquilo que interiormente desejamos.

### **Cada palavra na sua poesia tem um som durável, realiza assim esse gosto, essa intensidade musical?**

Talvez porque sou cuidadoso com as palavras.

### **Parece, no entanto, ter uma poesia de espontaneidade, apesar do apuro...**

Nota-se muito, nos nossos poetas, um recurso aos mesmos vocábulos, um léxico reduzido, porém a nossa língua é muito rica. Julgo que os meus poemas patenteiam (não sei se é qualidade ou defeito), uma riqueza de vocabulário.

### **Riqueza de vocabulário que se prende com a interioridade mas também com a circunstância exterior?**

Não sendo uma poesia circunstancial, é uma poesia da circunstância, do momento e, também, uma poesia de experiência. Tudo corresponde a um enriquecimento interior. No poeta, isso é uma acumulação de dados, que, um dia, subitamente, sem se saber porquê, transforma-se em tensão. Essa tensão tem de ser materializada. E o poeta faz dele certas palavras para realizar essa materialização.

### **Consegue o poeta fazer com que as palavras comuns tenham um outro significado?**

Ao analisar-se um texto poético, há sempre a tendência para se dizer: *isto é banal, vulgar*. Puro engano. Por vezes, é bem conscientemente que o poeta utiliza um termo vulgaríssimo. Se o crítico alcança isso ou não, esse é outro assunto.

### **Também é crítico literário. Julgar os outros torna-se complicado?**

O crítico não tem de julgar. Deve analisar, apresentar o livro, cenários, personagens. Valorar ou desvalorizar não é próprio da análise. Sabemos bem que o que hoje está no cume amanhã não é nada.

### **Além da musicalidade, a sua poética tem afinidades com as artes plásticas. Encontro com o movimento da cor?**

É a atração por formas, embora não seja um construtivista. Mesmo no abstrato existe sempre uma forma. Mas a música é a minha companheira e não só a clássica.

### **Organizador de diversas antologias, que o motivou em especial para antologiar uma poesia da religiosidade?**

Com exceção de uma antologia de Régio e talvez mais duas ou três, raros avivaram, numa perspetiva diacrónica, uma matéria tão significativa da poesia portuguesa. Naquilo que organizei não há uma atitude apologética, apenas a preocupação de tentar mostrar um núcleo riquíssimo que insere a chamada poesia religiosa.

### **Os grandes labirintos de si, literariamente realiza-os melhor na prosa poética ou no verso mínimo?**

Não distingo. Casais Monteiro (outro dos grandes e tão esquecido) tem um poema em que defende: «Dizer, diz a prosa.» Em certas circunstâncias, para dizer é melhor deixar a caneta singlar por esse rio.

### **Não terá a poesia uma outra forma de dizer mais por meio da ocultação, da elipse, da metáfora?**

O poeta é aquele que reconstrói. Retorna uma vivência, uma tensão no momento em que escreve, no entanto não pode afirmar a pés juntos se isso foi real ou não. Está a reconstruir e talvez essa seja uma margem muito interessante da poesia, a que permite reviver-se. Ao estudar-se um poeta ou outro escritor, o elemento biográfico não tem importância nenhuma.

### **No momento da escrita dá-se o transe?**

Há um confronto entre emoções que procuram vaziar-se e harmonizar-se.

### **Alguma vez o poeta conseguirá conhecer-se a si próprio?**

Impossível. Se conseguisse atingir esse grau, talvez se fizesse monge, talvez chegasse ao encontro com Deus. Mas duvido que algum poeta tenha encontrado Deus.

### **Como vive o poeta que diz: *Nasci para partir/ continuamente até ao fim do espaço?***

Tem que ver com a peregrinação. É uma viagem contínua, uma viagem que não se faz em linha reta, é quase um círculo. É dentro desse círculo que o poeta vive.

### **A poesia não será também uma evasão, uma maneira de sair do círculo?**

Há uma evasão, o gosto de escrever, mas também muito estremecimento interior, muita insatisfação. Nem sempre o ato de escrever poesia corresponde a uma serenidade. Ninguém me diga isso que não acredito. Pelo contrário: a inquietação persiste.

### **Curiosamente, tem uma poesia serena...**

Tenho essa preocupação. Não quero que o leitor fique tão inquieto como eu. Desejo que o leitor sinta: *ele escreve esta tristeza para que eu, leitor, consiga superar a minha tristeza, para que eu consiga ser uma pessoa livre.*

### **Vitor Hugo defendeu que «a melancolia é a felicidade de ser triste», será?**

Mas é mesmo.

### **Conte-me uma alegria sua...**

O nascimento dos meus filhos.

### **De certo jeito, deseja o poeta alterar a ordem do mundo?**

José Gomes Ferreira escreveu: «Ai do meu filho se não quiser alterar o mundo.» Creio, no entanto, que o poeta não cai na veleidade de querer alterar o mundo. Porém, naquilo que comunica pode dar-nos um caminho. Há, contudo, fenómenos que não entendo. Custa-me a entender a guerra, a fome. As chacinas, os interesses, o capitalismo desordenado são cada vez maiores.

### **A velha luta entre o Bem e o Mal?**

Digo num dos meus poemas que a esperança era uma deusa que desceu à terra, viu a infelicidade dos homens mas apaixonou-se por eles e trocou a sua qualidade de deusa para viver junto dos homens e nunca os abandonar.

### **É como homens e entre os homens que temos de viver...**

Não pode ser de outra maneira.

*Diário de Notícias, Setembro 2004*



**Entrevistei-o há dez anos. Na essência é uma peça jornalística atual. A sua obra entretanto alargou-se. E o poeta modificou alguma coisa no modo de se relacionar com o mundo e o ser humano?**

A asserção de que, na natureza, tudo se transforma também se aplica, e naturalmente, ao poeta no seu itinerário existencial, no seu percurso ramificado de vivências e de configurações. Autor de uma obra poética de saliente extensão, repartida por algumas dezenas de títulos, é-me lícito afirmar que, num horizonte que vai do início e da amplificação da actividade poética criadora até ao testemunho facetado e assumido pelos poemas do último livro, múltímodos e plurívocos sentimentos se avivaram e se clarificaram: singulares e múltiplas experiências se acumularam e se corporificaram; de maneira eloquente se foi afinando a capacidade emotiva que diz respeito à imaginação. Algo, porém, inevitável e duradouro permaneceu: a certeza de que, na ausência sempre possível da lucidez criadora, o silêncio imposto pelo destino corresponderia, sem dúvida, à iminência acelerada da morte.

**Que busca continua a fazer por meio da sua poesia?**

Alguém terá dito que a poesia, no abraço que pretende estabelecer entre vida e arte, concentra um propósito essencial definido por uma busca, uma procura, uma indagação sempre constantes até à representação concreta pela palavra. Pelo que a mim se refere (à minha poesia) direi que essa busca, essa procura, essa *indagação* se têm processado e alumiado por um “aprofundamento” coerente, indagante e sistemático do meu eu e das circunstâncias que o envolvem e que, existencialmente, o singularizam; isto por um lado, porque, por outro, aquelas três tónicas (só sinónimas na aparência) estruturantes, ao fim e ao cabo, do discurso poético, continuam a permitir-me um mais vincado ‘apuramento’ de tudo aquilo que cimenta os imponderáveis meandros da minha relação com os outros, com o mundo.

**Como olha, hoje, para o panorama cultural português?**

Digamos que, hoje, o panorama cultural português oferece uma complexa e convincente ‘geografia’ onde se cruzam e interligam fronteiras felizmente muito diferenciadas. Das literaturas (um universo ramificado) às artes (outro universo ainda mais constelado e politónico), a força, a pujança, a dinâmica do criador português têm sabido acentuar, em presença e em acção, diferenças marcantes no conserto cultural europeu e, até, mundial.

Na criação poética, por exemplo, apraz-me constatar com prazer toda a renovação geracional que tem sabido contornar e ultrapassar os muros de

dificuldades erguidos perante quem se inicia na criação poética. Pena que o velho *café* das tertúlias, dos encontros, das conspirações se vá evaporando a favor de outra realidade chamada *internet*... Mas até neste aspecto, algo de positivo há a erguer: é por aí que a divulgação se torna mais rapidamente expressiva!

### **Então, vai tudo bem...**

Algumas acutilantes preocupações preenchem o nosso espírito. A saber, e como exemplo, o sistemático desinvestimento que o Estado materializa na área da cultura, o alargamento do fosso (sempre na perspetiva da cultura) entre a macrocefalia, digamos, lisboeta e o... resto da paisagem; a amnésia territorial que o sistema central dominante proporciona, negativamente estratificada. Uma palavra quanto ao futuro. Não esqueçamos que o nosso património mais encantatório é a língua com a qual escrevemos. Na continuação da sua pureza, há que investir, e largamente.

### **Foi professor e ajudou a formar muitas gerações. Que prioridade daria nestes tempos ao nosso ensino?**

Numa Escola multicultural e inclusiva, como é a Escola dos nossos dias, torna-se fundamental que determinados valores (hoje quase esquecidos num mundo dominado por cego individualismo), valores acalentados pela camaradagem, pela solidariedade, pela interajuda, respeito pela diferença, adquiram estatuto de configuração pedagógica e cujo ensino, podendo ser transversal a todas as disciplinas, só raramente surge concretizado pelos educadores, estes preocupados, quase exclusivamente, pela exploração curricular, no cumprimento radical dos pressupostos de um programa.

### **Se pudesse encontrar Luís de Camões, dir-lhe-ia o quê?**

Depois de testemunhar ao genial Poeta a minha ilimitada admiração pela sua Poesia, recordar-lhe-ia os seguintes versos da oitava 145 do canto X dos seus *Lusíadas*, cujo teor parece colorar-se pela 'atmosfera' que actualmente se respira em Portugal: *O favor com que mais se acende o engenho / não no dá a Pátria, não, que está metida / no gosto da cobiça e na rudeza / duma austera, apagada e vil tristeza.*

### **Um sonho que gostasse ainda de realizar?**

Ainda que como hipótese difusa e de difícil realização concreta e imediata, continuo a sonhar com uma edição completa da minha obra poética...

*In [www.casaldasletras.com](http://www.casaldasletras.com), Junho 2014*

UM EXTENSO CONTINENTE II





## MÁS NOTÍCIAS ME DÁS

más notícias me dás da nossa loisa  
de trancoso e do nordeste e do país

triste tempo

terão ardido os alcornoques e os pinhos  
por ti por mim por nós plantados

amarga constatação

ainda se ao menos o fogo  
resultasse do combate  
entre os tiranos e o nosso povo...

lapso de tempo

natureza atenta  
ecologia do lume  
parição da terra

hora serôdia

mas das ruas dos campos e dos montes  
a multidão perscruta e decide alvoroçada  
romper o fumo e AVANÇAR

*Álvaro Mata Guillé (Costa Rica)*

## UNA LUZ

*a António Salvado*

Los parajes nos abruman con su clamor,  
con luces que cubren los árboles  
adentrándose en el bullicio que susurra en el monte,  
junto a las máscaras de los pájaros que picotean las nubes,  
jugueteando con las estrellas  
con los pétalos de piedra  
diluidos en el brillor del granito,

asoma una luz  
muchas luces,  
destellan en la sombra  
pero estamos más solos.

*Carmen Troncoso Baeza (Chile)*

## NAUFRAGIO

Para AntónioSalvado  
*No, no es cansancio; es brillo  
de estrellas muertas cayendo.*  
A. S.

Mi boca manchada con la verdad,  
el viento silbando  
entre la lengua y mis dientes,  
y pálida, muy pálida,  
mi razón confundida,  
dando excusas  
a diestra y siniestra.

Así nuestra amistad se ha quebrado,  
como aquel jarrón de porcelana  
que a nadie le gustaba.

Pero, ¡oh dolor! cómo te has metido  
hasta la médula de mis sentidos,  
cómo me duele mi intimidad  
no poder seguir tus pasos,  
mi mástil mayor quebrado  
en un viaje irrealizable,  
este golpe demoledor, innecesario.  
Tu plenitud clavada alegremente,  
transgrediendo hasta tu misma muerte,  
emancipada de los colores de la vida.

Y de repente, ya no más...

**ANTÓNIO SALVADO,  
GUARDADOR DE LIAMES**

Quando o poeta testemunha a pedra  
Com afagos de palavra arquifunda  
E lhe infunde o fraterno olhar,  
Ariadne por dentro das idades,  
Tudo pulsa no mesmo canto  
Politonal  
Em ritmos de seara ondulante  
E timbres de cerejeiras vivas,  
Onde a água sussurra  
Numa extensão do fado  
E às vezes suaviza e se apaga  
O sangue invisível das ausências  
E até do abandono planeado.

(A certeza é a das sementes que emigram  
Constantemente para o seio das palavras  
Onde se fazem flor de permanência).

O poeta lavra o testemunho vital  
E como nas manhãs de semear  
Ara para além dos limites e condições  
E desenrola no labirinto outra lei da gravidade  
Que há dentro das almas e corações.



*Emilia González Fernández (España)*

## LUZ RUBIA QUE SE COME

*...sobre ti me inclino  
contigo me confundo  
oh tú que eres el principio  
y que serás mi fin.*

“Tierra”, de António Salvado

Trigo es luz que se come,  
que fulge al sol pero aguantó cien lunas  
de oscuridad y hielo  
bajo el lecho de Proserpina.  
Emergió en primavera,  
con todas sus espigas  
iguales:  
del mismo sol,  
de la misma luna,  
de la tierra y el hielo.  
Explanadas de pan  
para todos.  
Solo arriba  
el vendaval quieto del cielo.  
Yerra un perfume de carne vegetal,  
para todos el mismo,  
para todos.

*Elena Liliana Popescu (Rumanía)*

*TRÍPTICO PARA ANTÓNIO SALVADO*

## LA MISMA RESPUESTA

*A paz no pensamento*

*A paz no coração.*

António Salvado

Hay tiempo para recordar.  
Hay tiempo para nuevos intentos.  
Hay tiempo para una oración ferviente.  
Hay tiempo para volver hacia nosotros.

Hay tiempo para sueños olvidados.  
Hay tiempo para lo desconocido.  
Hay tiempo para tu libertad.  
Hay tiempo para lo no comenzado.

Hay tiempo para viejos tormentos.  
Hay tiempo para un pensamiento impenetrable.  
Hay tiempo para otras preguntas.  
Hay tiempo para la misma respuesta.

## ACORDES INESPERADOS

*A veces en el ruido  
cuando son más evidentes  
los arpeggios del silencio.*  
António Salvado

Estás tocando las teclas del dolor  
en armonías extrañas  
que no reconoces  
acordes inesperados  
de la sinfonía de los sentimientos humanos;  
el sufrimiento se hace sentir  
en las formas más insospechadas  
de la apariencia; aprendes constantemente  
y sigues siendo igual de ignorante,  
has de practicar más;  
eres el violín, el arco y la mano que vibra  
al ritmo de la melodía,  
eres el compositor que la vive  
en su callada alma  
antes de vestirla  
con los desgarradores sonidos,  
y el que la escucha espantado,  
eres la canción que duele  
cuando toca las fibras de tu corazón,  
eres el desconocido  
que te acoge como a un viejo amigo,  
eres la voz del alma  
que de nuevo se encuentra  
sin haberse conocido nunca.

## UN SOLO POEMA

*Singrando a longa via  
das miragens vividas  
meu coração acalma.*

António Salvado

Todos los poemas del mundo  
no son más que un solo poema,  
el de las meditaciones del hombre  
acerca de su condición humana:  
rebeldía, decepciones,  
engaños y desengaños,  
sufrimientos reales o imaginarios  
que te parecen tan fuertes,  
intentos por salir del laberinto de la impotencia  
aplazamientos, esperas y dolores,  
pero también vivencias intensas hasta el éxtasis,  
que penetran en el área de las esencias y  
esperanzas de humanización del Universo  
dentro de nosotros.

Un canto, semejante a un río,  
de agua viva que da vida,  
que regresa del amor recibido como presente,  
el amor que podemos entregar  
a los que pueden cobijarlo en su corazón...

*Traducción al español de Joaquín Garrigós*

*Eloy Jáuregui (Perú)*

## VENUS

*El amor será (en mí: en nosotros) el tronco  
por donde rama a rama treparemos.*

António Salvado

Solo el verbo amor, ella al teléfono  
Y yo le dije te quiero. Un gorrión desfallece  
No tiene destino, la música ha callado  
Intacto instante inmaculado, el corazón blanco  
Ella al teléfono, soy su anverso de tiempo  
Te amo dice, cierro los ojos al vocerío  
La sola palabra ha vencido el rigor mortal  
Cuelga, mi deseo recupera la calma  
Cuelgo también, apago la luz también, el verbo.

*Gabriel Chávez Cazasola (Bolivia)*

## HORAS / ENTRE DOS LUCES

*Hora sagrada, aquela  
em que as espigas curvam os seus caules  
e se deixam segar [...]*

António Salvado, *A hora sagrada*

*Ah, si pudiera encontrar en las paredes blancas de la hora más cruel  
esa larga fisura [...]*

Olga Orozco, *En la brisa, un momento*

A aquellas crueles horas  
en que ciudades y plazas se ponen hideputamentetristes  
no quedan otras que las malas palabras

–las de la abuela, no las descastadas por el uso de viles–

para definir que no hay luz o penumbra o clarioscuridad  
más atroz que la de aquellas horas

que la de estas horas  
cuando

–canto de cisne del sol a las espaldas–

los viandantes lanzamos una sombra-navaja  
Gillette 40s Style SuperSpeed  
Largo plano inclinado  
sobre las baldosas  
y caminamos

–walkingontherazor’sedge, como diría Maugham–

por el filo mismo de nuestra sombra-navaja  
que es y deja de ser  
entre dos luces

–ah los cuellos de cisne de las marquesinas,  
de los reclamos de neón,de los faroles–

contra la sombra ventruda de los edificios  
y de los automóviles  
que se apodera de a poco  
del asfalto

y nos diluye

en las ciudades y las plazas  
donde atardece  
lentamente  
pero todo va de prisa  
y todo emite  
mientras la multitudinaria soledad se hace  
–tonos, cláxones, voces–

tanto más clamorosa en el sonido.

\*\*\*

Entretanto y da envidia pensarlo  
en el campo es la resplandeciente hora del Ángelus  
la del cuadro famoso de quién sabe qué famoso pintor no recordado  
–Millet acaso–

cuando  
el sentido como una plomada  
dos labradores levantan una  
catedral de cebada que no proyecta sombra

—Hora sagrada, aquella  
en que las espigas curvan sus tallos, escribió António Salvado—

y se hace el silencio de Dios  
se hace silencio

y Dios se hace en el silencio  
diluyendo soledades, soledumbres  
cerrando las fisuras

restituyéndonos  
en una única luz

mientras aquí las ciudades y las plazas, ay,  
mientras aquí las ciudades y las plazas.



*Harold Alvarado Tenorio (Colombia)*

## NO TODO ES SILENCIO EN LA MONTAÑA

*Desbice la bruma  
y quebré el silencio  
al besar la luz.*  
António Salvado

No todo es silencio en la montaña.  
El moscardón acosa la luz de la lámpara.  
El gallo canta anunciando la mañana.  
Los gansos persiguen al perro.

No todo es silencio.  
El moscardón, el gallo y los gansos  
recuerdan que no puede haber silencio  
si aún estamos vivos.

*Héctor Náupari (Perú)*

## PASIFAE

Dedicado a António Salvado

*Bebo en tus senos  
el manantial secreto  
'Aurora', António Salvado*

Estoy advertido: es tu boca la placentera copa que se llena, toda de ti, como la astuta niebla colma las flores y los árboles.

Tus calados labios son el bálsamo que enciende mi fiebre en lugar de atenuarla.

Cuando sólo los soñaba, antes de encerrarme en el desvelo, presa de un súbito temblor, quería imaginarlos amargos para no desearlos tanto.

Pero despertaba vencido y más enamorado.

¡Ah! ¡Si tu boca pudiera algún día halagar mi piel con sus caricias! – me decía –

¡Qué no daría porque tal ventura me sucediera!

Hoy que por fin me abandono en tus brazos, desamparados yacen nuestros vestidos, broches y collares lánguidos y vacíos – cómo nos limitaban –.

Ellos darán testimonio ante todas que eres mi eterna creadora  
mi amanecer más delicado  
mi atardecer más bello  
como yo soy la fruta que codicias  
la presa que te caza, Pasífae,  
y así, agotados de acecharnos, nos perseguiríamos como la brisa del verano que acosa al sol sin alcanzarlo.

Ahora, que en ti me voy de mí,

te suplico: desátame en la delicia de tus lirios labios  
róbame del pecho la respiración  
trenza en mis manos tus cabellos como las notas en una melodía,  
pues no hay placer más pleno que satisfacer mi ansia de ti  
esposa mía, mi dolor más amado, la mitad de mi alma.

*Joaquín Marta Sosa (Portugal-Venezuela)*

## ARENA

*Este poema está dedicado  
a Antonio Salvado,  
gran poeta donde los haya*

Si en la arena escribe Dios  
nosotros ¿dónde escribiremos?

No en el agua donde poco sobrevive  
no en las piedras  
donde todo termina por borrarse  
no en el aire donde nada vuela  
no en el fuego donde ni él resiste  
no en la mirada  
que otra vez mira lo que ya nada verá

al final tratamos de escribir,  
sólo eso:  
tratamos de escribir nuestra escritura

pero en ella y en las piedras  
en el aire, el fuego, la mirada  
las aguas calmas, tempestuosas  
sólo escribe Dios, quizás sólo los Dioses

acaso apenas en nosotros podamos escribir  
y llevarlo adentro  
cuando Dios, los Dioses o quien sea  
nos obligue a visitarlos

de haber sido más claro  
si es que pudiese haberlo sido  
diría con certeza avergonzada  
de que para nada  
o sólo poco habría servido  
malgastar así el tiempo de Dios  
que es imperfecto  
en el nuestro  
que los Dioses no permiten alargar

y quién sabe, mirando hacia atrás,  
si nos importe que alguien venga  
y nos toque en su memoria  
o al azar  
en alguna de estas cartas  
donde sólo una constancia  
se resiste:

la de saber y sin saberlo  
si para abandonarte tendrá fuerza tu sangre  
o la tendrás tú  
para abandonarla a ella

para entonces  
a nadie le importará nuestra escritura

nos queda retirarnos en silencio  
y poco más

*José Antonio Funes (Honduras)*

## MODO DE SER

*¿Qué haré de este instante  
triste del día a día  
que me quedó de la víspera?*  
António Salvado

Uno golpea en cualquier parte  
y el corazón se fatiga entre los muros  
uno pregunta a veces  
por la exactitud de una sonrisa  
por el amor que conoció desde niño  
y se perdió con el polvo de los años  
nadie sabe nada  
salvo que somos extraños  
que nos preocupa demasiado el recuerdo  
ese tren nocturno  
vacío  
y sin rumbo fijo

*José Antunes Ribeiro (Portugal)*

## ANTÓNIO SALVADO

ou a Poesia que nos salva  
e redime  
como uma árvore  
sempre de pé  
ao encontro da luz

*José Ben-Kotel Paredes (Chile)*

## EU NÃO SOU UM MESTRE

*a António Salvado*

Apreciado Alen, hermano y vino:

Yo le decía, al poeta, Maestro...

(Cuando lo conocí a la vera  
Del aula de nuestro Luis de León).

Y el poeta, dulce y árbol, me dijo:  
Eu não sou um Mestre...

No lo soy; repitió pleno de lucidez,  
Casi molesto ante esa palabra.  
Yo solo hago versos, nada más.

La noche seguía al lado nuestro,  
Que íbamos acompañados de Él,  
Junto a su silencio a salvo  
Del griterío lejano, de las piedras.  
Tanto Narciso en las veredas  
De cualquier Tormes...  
Y en otras fuentes inagotables.



¿O no Alfredo, hijo del Sol?  
Y mira tú, hermano..., qué suerte:  
Yo iba al lado de la paz  
Sencilla de este gran Aeda,  
Padre de la claridad, del silencio.

Está claro para el cielo ‘  
De la bella Salamanca  
Que es un gran *Antonio*  
El nuestro, el de aquesta noche,  
Al igual que el Santo de antaño,  
Tan salvador como su Miserere:  
Por él *Salvado* estoy en este oscuro  
En que me vacila el mundo  
Mientras solo voy rumiando  
‘A la soledad que va conmigo’,

Pisando adoquines del Puente  
Romano, tan antiguo y firme  
Como el Maestro que tuve  
A mi lado a la vera de la noche  
Bajo el estrellado cielo de esta  
Citadela que cultiva, ilumina y liba  
De la poesía y de A. S., plenos de vida,

De paz, presente y pasado, y jubilosa,  
De este Mestre que sabio me anunció,  
Cierta noche, con voz apenas audible:

Solo soy silencio, nada más.

Ni siquiera *Carpinteiro* he sido.  
Recuérdalo siempre, tú que bien sientes:

Eu não sou um Mestre.

*José Luis García Herrera (España)*

## MEMORIA LÍQUIDA DE DÍAS LEJANOS

*Al poeta António Salvado*

*Não invoco o lugar mas a verdade  
surge aquém da espera...  
António Salvado*

Frente al mar de la infancia repaso las heridas  
que el tiempo invoca en el lugar preciso  
donde la piel ofrece la verdad más rotunda.  
Frente a la cristalina presencia del agua  
ofrezco la luz de mis palabras más íntimas,  
guardadas en ese margen estrecho donde el corazón  
late como el tenue sol que se oculta de la noche.  
Soy parte de esa memoria lenta y cadenciosa  
que me trajo hasta aquí, cabalgando sobre la espuma  
y sobre el hálito del horizonte espeso de los años.  
Soy el mismo que caminó sobre la arena  
y escribió versos con alma de gaviota. Pero,  
en el fondo de este rastro de vida y laberinto,  
no soy el mismo. En el reflejo de mi rostro  
adivino una tristeza lánquida, de mirada perdida,  
de hombre indefenso frente a las verdades  
que el tiempo promulga con música de tormentas.  
Dejo, tras las sombras deshilachadas de mis huellas  
como este mar de la infancia que me acompaña  
en la hora hermosa de la soledad desierta,  
memoria de mi vida, o de mi muerte.

*Josyane De Jesus-Bergey (França)*

## **C'EST ICI MA TERRE**

*Pour Antonio Salvado*

Si je te parle  
Si je t'entends  
Dans le souffle du vent  
A travers la montagne  
Tras Os Montes  
Mes racines sont là

Ton pays est le mien  
C'était le pays de mon père

Ma voix entend la tienne  
Parler  
Parler  
Pour dire encore  
Tes mots gravés  
Dans ma mémoire

Tes mots  
Jusqu'à mon cri  
Qui se voudrait poème  
Je t'entends!

*Juan Mares (Colombia)*

## EL BRILLO EN EL ALMA

*a Antonio Salvado*

Un diluvio de sol azota mi rostro  
y el peso del azul infinito me llena, insondable,  
en el poema que cruza como un aerolito:  
me dice la vida en el agua y la sal.

Somos camino en que avanza el postrer caminante  
de ágil memoria ante la tempestad  
y aquí somos, amigo poeta,  
un rayo de luz en lo inmenso del orbe,  
un rayo que cruza y se va y se va...

## ANTÓNIO SALVADO

(En oración)

Recogiste mis heridas, Jesús.  
Bajo la sombra del lamento  
crujen tus manos enclavadas,  
y el llanto esparcido por la tierra,  
derrama el perfume de tu tumba;  
y levantas la selva donde vivo  
inmensamente atado  
a las camillas de los hombres  
y a la espuma doliente del mar.

Cada galope de otoño,  
desnuda azules primaveras  
donde soñaba el joven poeta.  
Y llegaste Tú, con tu costado  
sangriento de lágrimas,  
y nos abriste el cielo.

Me desprendí de tu sacrificio  
para visitar mis regiones bajo la lluvia,  
resangrando las heridas  
a cada paso.  
A cada paso,  
seguirán cayendo las semanas

de las enredaderas del tiempo.  
Convertida en milagro, la luz  
sacudirá la voz nocturna  
que duerme en las estancias  
de un amanecido corazón.

Y tejeremos banderas de cobardes  
en las grutas orgullosas del martirio  
y en las puertas golpeadas  
del placer, de la miseria y del orgullo,  
porque nunca seremos tan capaces  
de reconocer nuestra escritura  
en las páginas de tu Cruz.

## LA HILANDERAS DE VELÁZQUEZ

Ariadnas laboriosas  
fabrican la hilatura  
con esa indiferencia de quien es diestro  
a fuerza de costumbre.

Y cuando esté compacto y bien torcido el hilo de la vida,  
alguien lo cortará con parecida indiferencia.

Pero a veces ocurre que enredan el ovillo  
tras una risa inoportuna,  
que distraídas en algún cotilleo  
o cierta confianza de un amorío torpe,  
confunden la labor, se hacen un lío las madejas,  
y no hay nadie que pueda desenredar los hilos.

*(Homenaje al maestro António Salvado, quien escribió un  
hermoso poema titulado "A una adolescente de Velázquez,  
de rostro doliente reflejado en un espejo".*

## LA MANO DESNUDA

*Y un día para siempre amanecerás  
en la llamada desnuda de mi canto*

António Salvado

De nuevo, la oscuridad se espesa en el cielo:  
Esta es como hermana misteriosa de la luz.  
¿Quién, a la que nunca vi, me amó para siempre?  
Como esa mujer,  
La oscuridad se espera en primavera.  
Pienso en una ciudad abolida,  
Un palacio gris de esta ciudad viene a mi corazón.  
A la playa del mar o a la orilla del río  
Aun contaminado, algunas ciudades estaban allí una vez.  
Había un palacio allí;  
Un palacio estuvo lleno de muebles lujosos:  
Alforja, chal, perla perfecta de tejedor.  
Mi corazón destruido, mis ojos muertos, mi sueño disuelto  
Y tú ---- la mujer  
Todos estuvieron en ese mundo una vez.  
Muchas luces diferentes estuvieron allí.  
Estuvieron muchos pájaros, loros y las hojas extenuadas.  
Estuvieron tantos colores varios y estuviste allí;  
No he visto tu cara durante los siglos pasados,  
No te encuentro.  
La oscuridad lleva los cuentos que murmura el mar,



El arco asombrado y las colas de cúpula,  
El olor de pera abolida,  
El manuscrito gris de leones y ciervos interminables,  
La repisa de color-arco,  
Colorado como cola de pavo en cortinas.  
De una sala a otra hay el desmayo transitivo ----  
El aturdimiento y la sorpresa sin edad.  
En la cortina, la luz soleada en la alfombra dispersó la transpiración,  
¡El vino de melón está en taza roja!  
Tu mano solitaria y desnuda.

Tu mano desnuda y solitaria.

## ÁGUA LÍMPIDA

Ave y puñal  
surcando el mediodía  
llenas el espacio  
en cántaros  
ligeros,  
hilvanada libertad  
cubierta de poesía.

Caudillo de vida  
caminando el amor  
cual suerte de dado mayor  
superando la niebla  
¡oh centinela!  
de la dadiva perfecta  
latiendo en múltiples manos

Entre muchos y en tanto  
prosigamos a lo lejos  
pisadas certeras.  
Marcha silencioso  
el poema  
*água límpida, estertor,  
sem regras feita de normas.*

*Ricardo González Vigil (Perú)*

## AHÍ ESTÁS

*...voy arrastrando el corazón tan fatigado,  
pero Tú, Señor mi Dios, nunca te cansas.*

*A. S.*

Sí. Un hombre.

Ahí debe estar, Señor, astro agobiado,  
árbol tendido a las miradas.

Y estas lecturas personales —recuerdos,  
pensamientos—,  
este anaquel de imágenes  
sosteniendo paredes que nunca me abandonan.

Poema, sí, hay que dejarte,  
asirme hecho plegaria.

Papel, a qué hora  
alzarás el brazo que esparce las ventanas  
abriéndome  
hacia el primer hombre  
que siempre pasa

ahí.

Señor,  
afuera.

Amarte desde cada uno de tus hombres.

*Rui Córias (Portugal)*

*Homenagem a António Salvado*

Se quiseres que eu me perca  
buscarei outra ilha.  
Esperarei a sombra diante dos olhos,  
o milhafre na ravina de crisântemos.  
Ao longe, correndo para a primeira luz do dia,  
estarei à tua espera,  
acenando com a mão esquerda,  
avançando sobre o mar.  
Não te esqueças : aprendi  
um dia como Deus nos traz um sono  
leve que nos cega.

## ALFORJAS

*Al poeta y amigo Antonio Salvado,  
de Castelo Branco*

Escuché tu voz bajo el Cielo de Salamanca  
sonora cascada de áureos versos,  
ríos descendiendo caudalosos hacia el mar  
en la pétreo ciudad de Fray Luis de León.

Altos muros de piedra viva,  
intersticios de los conventos  
habitados por entrañables ángeles  
que despiertan al oír tus poemas.

Salvado, salvado por ángeles,  
que habitan entre tus huesos  
y se te asoman por la boca  
cuando nos declamas tus poemas.

Ahora te escribo desde Los Andes  
alturas del cóndor avizor,  
centinela de las nieves eternas  
en los cajones cordilleranos.

Las mismas aves, los mismos ríos,  
las mismas piedras inspiran y elevan  
el canto de nuestros versos fraternales.  
Palabras de aire, palabras de agua,  
palabras de volcanes al otro lado del mundo.

Salamanca, noche de piedra.  
Bajo los arcos de la primavera  
vi cómo te alejabas cruzando el río Tormes,  
con las alforjas invencibles de poesía  
ibas cabalgando hacia Castelo Branco.

## TÚ

*(Homenaje a António Salgado, poeta portugués)*

Tú te bajaste de las notas azules  
de las golondrinas,  
tú, hermano de las noches infinitas,  
nadador que vienes  
de las fuerzas naturales,  
pintor  
que dibuja con su lengua ágil  
flores sobre mi espalda,  
pirata por la sequía,  
remero en el desierto,  
jardinero  
que cuida flores en las grietas de la tierra,  
director de la orquesta de vientos,  
los que a veces del sur,  
a veces blancos,  
se arrojan sobre mi cuerpo...

Tú te pareces a aquella gaviota  
que se columpia  
sobre las olas suaves y risadas  
de la espuma marina,  
con un pico clavado en el agua  
por el cual escuchas  
cómo brota el pez impaciente,  
tú eres un camino desconocido  
que cruza el tiempo ventoso  
y me extiende  
sobre las puertas cerradas del pasado.

Tú tienes unos recodos codiciosos  
de los labios,  
un impulso indomable hacia las alturas,  
hacia la Vía Láctea  
y más allá,  
mano fuerte  
con la que aprietas la vida cerca de ti,  
ojos que acarician,  
palabras  
que abren heridas  
o funden.

Tú vienes del Vacío,  
también yo del Vacío vengo.  
Somos como dos fuentes  
que en un bosque ciego se cruzan.

Si sigues así derramándote fogosamente  
hacia mí -  
me convertirás en un río impetuoso  
y luego me arrebataré  
sin querer,

hacia el fondo  
te arrancaré entonces...



*Walther Espinal (Colombia)*

## EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO

*Por el mar de Creta, vientos cruzados,  
navegamos sometidos a las borrascas,  
a refriegas locas, a inmortales trabajos:  
distintos rayos que en el pecho braman...*

António Salvado

En el umbral de su vejez caminó vestido de púrpura  
ceñido su cabello por una corona de cintas y guirnaldas.  
De parientes adinerados por la cría de caballos  
la lluvia oscura lo sedujo hasta llevarlo al vacío del Etna.  
Su cara era acuñada en monedas donde aparecía como un auriga  
sosteniendo el tiro de Apolo.  
Apreciaba al toro porque en él se palpó.  
Con su no consumo de carne en harina y miel  
deambuló como un profeta errante abrazado a la idea del amor.  
En sus himnos a la diosa blanca invitó  
al derrame de habas y laurel en los altares.  
Poeta trágico de melodía como un sedante  
por su deseo peregrinó cantando.

*Xavier Oquendo Troncoso (Ecuador)*

## DE CÓMO EL POETA TRATA DE HUIR DEL DOLOR

*Homenaje a António Salvado*

*Siempre, donde nace el cántico,  
alguna sangre allá queda,  
marcando la esplendorosa  
fuente del sufrimiento...*

A. S.

Que no se vaya el sol porque es domingo.  
Que no se duerma el peso del dolor en uno solo.  
Que se comparta.  
Que se vaya en los otros.  
Que haya buena distribución del dolor.  
Que se haga el comunismo del dolor.  
Que vivan todos para tener su dosis,  
su pequeño maltrato,  
el pago a plazos del dolor sin intereses.  
Que todos nos gritemos  
en la opera funambulesca del dolor.  
Que no tengamos compasión con nadie.  
Que todos debemos doler y compartir.  
Que no se venga el dolor de uno en uno.  
Que todos veamos llorar a Polifemo.  
que todos lloremos igual por Galatea.  
Que no nos merezcamos alegría  
mientras vemos el ladrillo caído de bruces,  
encima de la felicidad.

Al fin y al cabo, el mundo  
Es un dolor inmenso que siempre inicia.

Y ni se diga, la poesía.

*Xhevdet Bajraj (Albania-México)*

## HOY AL MENOS NADA ME DA PENA

*Es tiempo sin alegrías,  
tiempo de llagas abiertas.  
António Salvado*

Hoy al menos nada me da pena  
voy a tragar una píldora más de dolor  
y voy a ir al baño para llorar  
hasta la vista animales  
mis queridos hermanos cercanos  
y ustedes humanos primos lejanos  
hasta siempre Subcomediante  
buen camino a todos  
porque este mundo es de cada uno  
de los que se están yendo y de los que están por llegar  
bajen el telón mientras están aquí  
apaguen la luz cuando salgan  
no quiero que me vean de hinojos  
o cuando las lágrimas acaricien mis mejillas  
no quiero que descubran que es igual  
llorar que vivir  
morir o escribir  
coger o estar jodido  
joder o ser cogido  
escogido

La noche es larga y noble  
nos perdona a todos

*Yohanes Manbitu (Indonesia)*

## TENGAH MALAM

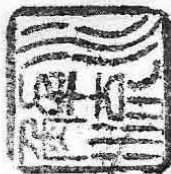
*...dan keheningan  
berhiaskan tanda keberanian  
dari suku kata membisu...*  
António Salvado

Tengah malam di sini,  
di kampungku sendiri,  
aku ditemani keheningan  
dan lagu beberapa serangga  
yang dengan riang berpentas  
di kolong dedaunan jagung.  
Astaga! Kurasa sepi tanpamu.

## MEDIANOCHÉ

*...y la soledad  
viste el gesto osado  
de las sílabas calladas...*  
António Salvado

Medianoche aquí,  
en mi propio pueblo,  
me acompañan la soledad  
y la canción de unos insectos  
que interpretan cómodamente  
debajo de las hojas de maíces.  
¡Dios mío! Me siento solo sin ti.



Handwritten signature and date in Chinese characters, including the year 2013.



## UMA ILHA NUM EXTENSO CONTINENTE

Neste segundo volume, reunimos mais uma pequena recolha de poemas, em homenagem a António Salvado. A todos, agradeço o entusiasmo, a generosidade e a partilha.

São mais algumas gotas luminosas de uma cascata que não termina, dedicada ao Poeta que nos tem vindo a presentear com dezenas de livros, desde *A Flor e a Noite* até às últimas recolhas, *Psique e Cupido* e *Sinais do Fluir*, nas quais o clássico e o intemporal, ancorados nas terras da Beira, cantam a chama recôndita e secreta da sua vasta terra, onde o aedo repousa, suspenso do seu relógio astral.

Com António Salvado, a lira não repusa nunca, nem os seus pomares de violetas e dalias, aguarelas benignas, que os lábios proferem e que o silêncio alonga em nós. As palavras norteiam o fogo-fátuo de um grito, geram um eco, ardem na sua rebeldia íngreme, na sua lucidez de assombro, na sua quietude subtil, exaltam o desafio que na plenitude se gera e que no seu mundo interior se transforma.

As palavras não se esgotam, a sua lira não se explica, e a música das vozes nada desvenda, ou não fosse a inquietação secreta e fluida a tactear, em novas modulações, o imprevisível. Os frutos, sequiosos, pernoitam na sua profunda nudez. As sementes foram plantadas há muito. O vento continua a disseminá-las, nos seus esporos. O carinho é a névoa que progride, eivada na raiz clara da sua chama azul. O pólen brota dos confins da terra, irradia nas flores, acolhe-se entre a letargia e o fulgor das formas que se renovam.

Partimos para escrita, para o mundo, porque há vozes que nos impelem e, subitamente, crescemos, sorrimos, guardamos a chave, florindo nas cítaras breves, sucumbindo à vida, rompendo, rumo às partituras de luz.

*Lisboa, 17 de Setembro de 2014*

*Maria do Sameiro Barroso*





## POETAS PRESENTES NO VOLUME I

Abdssalam Kharraz (Marrocos)  
Agripina Costa Marques (Portugal)  
Aída Acosta (Espanha)  
Albano Martins (Portugal)  
Alejandro Romualdo (Peru)  
Alexandre Bonafim (Brasil)  
Alfredo Pérez de Alencart (Espanha)  
Alice Macedo Campos (Portugal)  
Alice Spíndola (Brasil)  
Alvaro Alves de Faria (Brasil)  
Álvaro Cardoso Gomes (Brasil)  
Amadeu Baptista (Portugal)  
Américo Rodrigues (Portugal)  
Amosse Mucavelle (Moçambique)  
Ana Maria Puga (Portugal)  
Ana Patrícia Santaella Pahlén (Espanha)  
Ana Pinto (Portugal)  
Ángeles Lence (Espanha)  
António Arnault (Portugal)  
António Cândido Franco (Portugal)  
Antonio Colinas (Espanha)  
António dos Santos Pereira (Portugal)  
António Fontinhas (Portugal)  
António Graça de Abreu (Portugal)  
António José Queiroz (Portugal)  
António Lourenço Marques (Portugal)  
António Miranda (Brasil)  
António Ramos Rosa (Portugal)  
António Ribeiro (Portugal)  
António Vieira Pires Portugal

Araceli Sagüillo (Espanha)  
Arriete Vilela (Brasil)  
Assumpció Forcada (Espanha)  
Astrid Cabral (Brasil)  
Aurelino Costa (Portugal)  
Aurélio Porto (Portugal)  
Barroso da Fonte (Portugal)  
Boris Rozas (Espanha)  
Cândido da Velha (Portugal)  
Carlos Aganzo (Espanha)  
Carlos Felipe Moisés (Brasil)  
Carlos Guerreiro Gallego (Espanha)  
Carlos Lopes Pires (Portugal)  
Carlos Vaz (Portugal)  
Clauder Arcanjo (Brasil)  
Cláudio Lima (Portugal)  
Cláudio Willer (Brasil)  
Cristino Cortes (Portugal)  
Cyro de Matos (Brasil)  
Daniel Abrunheiro (Portugal)  
David de Medeiros Leite (Brasil)  
Delmar Gonçalves (Moçambique)  
Domingo F. Faílde (Espanha)  
Dolors Alberola (Espanha)  
Elena Díaz Santana (Espanha)  
Enrique Villagrasa (Espanha)  
Enrique Viloría Vera (Venezuela)  
Ernesto Rodrigues (Portugal)  
Ernesto Román Orozco (Venezuela)  
Eugénio Beirão (Portugal)

Fátima Pitta Dionísio (Portugal)	João Camilo (Portugal)
Fernando Botto Semedo (Portugal)	João-Maria Nabais (Portugal)
Fernando de Castro Branco (Portugal)	João Mendes Rosa (Portugal)
Fernando Esteves Pinto (Portugal)	João Rasteiro (Portugal)
Fernando Gil Villa (Espanha)	João Rui de Sousa (Portugal)
Fernando Grade (Portugal)	João de Sousa Teixeira (Portugal)
Fernando J. B. Martinho (Portugal)	Joaquim Cardoso Dias (Portugal)
Fernando Sabido Sánchez (Espanha)	Jorge Cadavid (Colômbia)
Fina Rodríguez Palau (Espanha)	Jorge Frago (Portugal)
Floriano Martins (Brasil)	José Agostinho Baptista (Portugal)
Frank Estévez Guerra (Gran Canaria)	José Amador Martín Sánchez (Espanha)
Fulgencio Martínez (Espanha)	José António Valle Alonso (Espanha)
Gabriel Impaglione (Argentina - Itália)	José Carlos González (Portugal)
Gabriel Jiménez Emán (Venezuela)	José d'Encarnação (Portugal)
Gabriela Rocha Martins (Portugal)	José do Carmo Francisco (Portugal)
Gisela Ramos Rosa (Portugal)	José Dias Pires (Portugal)
Gloria Sánchez (Espanha)	José-Emílio Nelson (Portugal)
Gonçalo Salvado (Portugal)	José Félix Duque (Portugal)
Guillermo Juan Ibáñez (Argentina)	José Jorge Letria (Portugal)
Helena Villar Janeiro (Espanha, Galiza)	José Ledesma Criado (Espanha)
Inês Lourenço (Portugal)	José Manuel Capêlo (Portugal)
Isabel de Rueda (Espanha)	José María Muñoz Quirós (Espanha)
Isabel Leonor Forte Salvado (Portugal)	José Miguel Santolaya Silva (Peru)
Isabel Mendes Ferreira (Portugal)	José Pulido (Venezuela)
Isabel Miguel (Espanha)	José Ribeiro Marto (Portugal)
Isabel Pavón (Espanha)	Juan Carlos López (Espanha)
Ivan Ribeiro (Brasil)	Juan Rosco (Espanha)
Ivo Machado (Portugal)	Juan Ángel Torres Rechy (México)
Ivo Miguel Barroso (Portugal)	Julião Bernardes (Portugal)
Javier Alcaíns (Espanha)	Júlio Vaz Carvalho (Portugal)
Javier Burguillo (Espanha)	Leocádia Regalo (Portugal)
Jean-Paul Mestas (França)	Leopoldo López Samprón (Espanha)
Jesús Fonseca Escartín (Espanha)	Luís-Cláudio Ribeiro (Portugal)
Jesús Losada (Espanha)	Luis Filipe Castro Mendes (Portugal)
Joana Lapa (Portugal)	Luís Filipe Maçarico (Portugal)

Luís Frayle Delgado (Espanha)  
Luis Guillermo Alonso (Espanha)  
Luís Quintais (Portugal)  
Luís Serguilha (Portugal)  
Luísa Freire (Portugal)  
Luísa Ribeiro (Portugal)  
Luís-Cláudio Ribeiro (Portugal)  
Magela Colares (Brasil)  
Manuel Barata (Portugal)  
Manuel Silva Terra (Portugal)  
Manuela Azevedo (Portugal)  
Marcelo Gatica (Chile)  
Margarita Arroyo (Espanha)  
Maria Augusta Silva (Portugal)  
Maria José Leal (Portugal)  
Maria de Lurdes Hortas (Brasil)  
Maria de Lurdes G. Barata (Portugal)  
Maria do Sameiro Barroso (Portugal)  
Maria Lucília F. Meleiro (Portugal)  
Maria Teresa Dias Furtado (Portugal)  
Mariana Ianelli (Brasil)  
Mário Hélio (Portugal)  
Marta López Vilar (Espanha)  
Máximo Cayón Diéguez (Espanha)  
Miguel Aguilar Carrillo (México)  
Miguel Serras Pereira (Portugal)  
Miguel Veyrat (Espanha)  
Nicolau Saião (Portugal)  
Nydia Bonetti (Brasil)  
Óscar Rodríguez (Espanha)  
Patricio González (Espanha)  
Paulo de Târso Correia de Melo (Brasil)  
Paulo Jorge Britto e Abreu (Portugal)  
Paulo José Miranda (Portugal)  
Pedro Saborino (Portugal)

Pedro Tarquis (Espanha)  
Péricles Prade (Brasil)  
Raúl Vacas (Espanha)  
Remo Ruiz (Espanha)  
René Arrieta (Colômbia)  
Ricardo Gil Soeiro (Portugal)  
Ricardo Marques (Portugal)  
Ricardo Paseyro (Uruguai)  
Rizolete Fernandes (Brasil)  
Rui Almeida (Portugal)  
Rui Miguel Duarte (Portugal)  
Ruy Ventura (Portugal)  
Santiago Aguaded Landero (Espanha)  
Santiago Redondo Vega (Espanha)  
Saturnino Alonso Requejo (Espanha)  
Sidney Rocha (Brasil)  
Soledad Sánchez Mulas (Espanha)  
Sonia Luz Carrillo (Peru)  
Stella Leonardos (Brasil)  
Stefania di Leo (Itália)  
Sylvia Miranda (Peru)  
Teresa Rita Lopes (Portugal)  
Teresinka Pereira (Brasil)  
Tereza Tenório (Brasil)  
Tiago Nené (Portugal)  
Tomás Acosta Píriz (Espanha)  
Vergílio Alberto Vieira (Portugal)  
Verónica Amat (Espanha)  
Victor Oliveira Mateus (Portugal)  
Wagner Ribeiro (Brasil)  
Wender Montenegro (Brasil)  
Xenaro Ovín (Espanha)  
Xesús Rabade Paredes (Galiza)  
Zé das Berças (Portugal)  
Zeilton A. Feitosa (Brasil)



## ÍNDICE DO VOLUME II

Álvaro Diz de Mazores (Portugal).....	p.21
Álvaro Mata Guillé (Costa Rica).....	p.22
Carmen Troncoso Baeza (Chile).....	p.23
Eduardo Aroso (Portugal).....	p.24
Emilia González Fernández (España).....	p.25
Elena Liliana Popescu (Rumania).....	p.26
Eloy Jáuregui (Perú).....	p.29
Gabriel Chávez Cazasola (Bolivia).....	p.30
Harold Alvarado Tenorio (Colombia).....	p.33
Héctor Ñaupari (Perú).....	p.34
Joaquín Marta Sosa (Portugal-Venezuela).....	p.36
José Antonio Funes (Honduras) .....	p.38
José Antunes Ribeiro (Portugal).....	p.39
José Ben-Kotel Paredes (Chile).....	p.40
José Luis García Herrera (España).....	p.42
Josyane De Jesus-Bergey (França).....	p.43
Juan Mares (Colombia).....	p.44
Leopoldo López Samprón (España).....	p.45
Lilliam Moro (Cuba).....	p.47
Mainak Adak (India).....	p.48
Meriam Bendayan (Perú).....	p.50
Ricardo González Vigil (Perú).....	p.51
Rui Cóias (Portugal).....	p.52
Theodoro Elssaca (Chile).....	p.53
Violeta Boncheva (Bulgaria).....	p.55

Walther Espinal (Colombia).....	p.57
Xavier Oquendo Troncoso (Ecuador).....	p.58
Xhevdet Bajraj (Albania-México).....	p.59
Yohanes Manhitu (Indonesia).....	p.60



